

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º à entrega	16.º Anno — XVI Volume — N.º 520	Redacção — Atelier de Gravura Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Portugal (franco de porte. m. forte)	8\$800	1\$900	6950	6120	I DE JUNHO DE 1893	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos à administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel, Cactano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	4\$000	2\$000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		



CHRONICA OCCIDENTAL

Hoje que os acontecimentos da semana me premittem uma folgazinha vou aproveitá-la em tratar de coisas, que nada podem interessar os meus leitores, bem sei, mas que me são impostas pela necessidade de responder a um artigo do meu prezado e illustre confrade o sr. Alberto Braga, artigo que se refere a uma chronica que n'este mesmo logar publiquei ha mezes, o que me obri-

ga a, n'este mesmo logar, ter o gosto de responder.

Não tenho por costume sahir á estacada a defender peças ou livros meus: — não é modestia nem vaidade, é simplesmente uma questão de feitiço — e se hoje venho defender um meu artigo é unicamente porque vejo mal interpretado o que n'elle disse e porque, juntamente com elle se me attribue a paternidade d'outro artigo, que não escrevi, que nem sequer li, e, de cuja existencia só agora tive conhecimento, depois do artigo da *Revista da Semana*, que me é dirigido.

N'esse artigo diz o sr. Alberto Braga.

«Alguns jornaes annunciaram que a peça do sr. Gervasio Lobato que tem por titulo a serie dos numeros dijitos, e que estava destinada a ir n'este

theatro (Gymnasio) em beneficio do actor Silva Pereira, fóra retirada de ensaios.

«Attribue-se o facto ao desgosto do auctor, por ter sido recebida com demonstrações de desagrado uma outra peça sua no theatro da Rua dos Conder. Não acreditamos que seja esse o motivo».

Fez muito bem, meu caro Alberto Braga em não acreditar, porque realmente o motivo não foi esse.

Infelizmente já estou muito longe da idade juvenil dos amuos e ao mesmo tempo não sou ainda tão velho, que esteja já cahido na infantilidade da segunda meninice.

Bem sei que duas vezes somos creanças: mas estou no caso d'aquelle quadro celebre da passa-

EXPOSIÇÃO DO "GREMIO ARTISTICO"



ESPERANDO O PEIXE — QUADRO DE ADOLPHO RODRIGUES

(Cópia de uma photographia do sr. Camacho)

gem do mar vermelho, a primeira vez já passou e a segunda ainda não veio.

E claro que ninguém gosta que uma peça lhe caia; não é para isso que ellas se fazem e portanto fallaram o seu alvo, o que é sempre desagradavel.

Ninguém gosta que as peças lhe caiam e ninguém concorda na justiça da queda.

Do mesmo modo que um pae explica por todos os motivos imaginaveis e não imaginaveis, a reprovação do filho no exame, excepto pelo unico motivo natural, vulgar, verdadeiro, o rapaz não saber, os auctores dramaticos encontram para explicar a queda das suas peças todas as razões, mesmo as mais phantasticas, menos uma, a da peça não prestar.

Esta é a regra geral e eu não me apresento como excepção a ella, e para me metter ainda mais dentro d'essa regra geral concorreram as caras d'alguns pateantes do *Cóco* e, mais do que essas caras, umas cartas anonymas enviadas á redacção de dois ou tres jornaes de maior publicidade, aconselhando-os a que não publicassem os *reclames*, que a empresa do theatro mandasse dos seus espectaculos, porque seria o descrédito d'esses jornaes.

Uma vez nos bastidores da Trindade um auctor dramatico, que ali ia muito, em tempo, disse um *dito de espirito* a um actor e depois foi repetil-o como muito bom ao Eduardo Garrido e ao Augusto Machado, que desataram a rir como perdidos pela semsaboria da coisa.

E riram tanto, tanto, que o proprio auctor do *dito* exclamou meio formalizado:

— O meninos. Isso é demais! O *dito* tem muita graça mas tambem não é para isso!

A respeito do *Cóco* digo a mesma coisa.

— A peça seria muito má, mas tambem não era para isso, para obrigar uma pessoa a ter a maçada de escrever cartas anonymas aos jornaes e a gastar dinheiro em estampilhas!

Mas se não tenho a modestia de attribuir só á peça ser má a sua queda, tambem não tenho a vaidade de me amuar por ella me ter cahido, querendo assim dar-me ares de auctor... incahivel.

A minha segunda peça original, uma comedia n'um acto — *Os Grotoscos*, representada no theatro de D. Maria, cahiu com uma pateada medonha; com uma pateada mil vezes mais medonha ainda, pateada como nunca ouvi em theatro e que se repetiu as tres noites, que a peça viveu, com uma insistencia de magnificas solas; cahiu na Trindade a minha primeira opera comica, feita em colaboração com o Jayma Batalha Reis e Eça Leal, a *Maria da Fonte*, que por signal tinha uma lindissima musica de Augusto Machado; sem muita pateada mas com alguns tacões cahiram-me ha 14 annos um original em 4 actos no Gymnasio, o *Diz-se*, e no anno passado uma opereta n'um acto na Trindade *Os annos da menina*, e cambaleou-me uma magica na Avenida, *O Valeta de Copas* e portanto já vê, meu caro Alberto Braga, que se eu tivesse feito de me amuar já ha muitos annos que me tinha amuado, com o que o publico não perdia nada com certeza e que fez muito bem em não acreditar que fosse esse o motivo.

O motivo de retirar a peça do Gymnasio foi ter o 1.º acto em ensaios, ter que escrever o segundo e o terceiro, de que tinha apenas o plano, e não estar em disposição de espirito e de bom humor para escrever dois actos originaes de comedia, e de mais a mais a correr, com a rapidez que o caso requeria, para não prejudicar o andamento, do theatro.

Alguns jornaes effectivamente, deram a noticia com os commentarios a que se refere o sr. Alberto Braga; eu não sahi a corroborar a nem a contradictar-a, porque entendi que isso nada interessava o publico e deixei correr as noticias, guardando apenas d'ellas profundo e sincero reconhecimento pelas amabilidades gentilissimas com que esses commentarios eram acompanhados.

Continúa a noticia da *Semana de Lisboa*:

«Quando ha poucos mezés foi no theatro de D. Maria, pateada a comedia *Estrada de Damasco*, um dos collegas de radacção do sr. Gervasio Lobato censurou aquella ruidosa manifestação, que denunciava accinte por parte de quem a dava. Sahu logo em defeza dos manifestantes o sr. Gervasio Lobato, reconhecendo-lhe o pleno direito de censurarem d'aquelle modo uma peça que era uma estreia dramatica do auctor.

E tinha razão».

Perdão, meu caro amigo, não tinha razão nem deixava de a ter, porque eu não sahi em defeza dos manifestantes nem contra elles: — não metti para ahi prego nem estopa.

A respeito da peça do sr. Alberto Braga não escrevi senão uns periodos na chronica do *Ocidente* e fiquei muito admirado quando li este § do artigo da *Semana de Lisboa* do qual não percebi inteiramente nada.

Depois é que percebi, porque me fui informar do que era.

O *Correio da Manhã* publicou um artigo censurando os pateantes e d'ahi a dias publicou outro defendendo o direito de patear. Um jornal transcreveu os dois artigos attribuindo-me a paternidade do segundo e d'ahi eu passar por auctor d'um artigo que eu não escrevi, que nunca li, paternidade contra a qual protesto, não porque não me pudesse honrar muito com ella, — repito, não conheço o artigo em questão — mas porque, optimo ou pessimo esse artigo não é meu nem d'elle tive ou tenho conhecimento.

A minha opinião a respeito da pateada, opinião que não interessa decerto a ninguém, é já conhecida dos leitores do *Ocidente*, porque já por mais d'uma vez aqui a disse acerca das pateadas do theatro de S. Carlos.

Entendo que desde o momento em que o espectador tem direito a mostrar a sua approvação, não pôde deixar de ter o direito de manifestar a sua reprovação.

Reconheço o direito de reprovar, agora sobre a maneira practica de usar d'esse direito é que não estou nada em accordo com os usos da minha terra.

O uso estabeleceu, que no theatro quando se gosta se bata com as mãos, quando se não gosta se bata com os pés.

Francamente manifestar com os pés, parece-me um bocadinho humilhante para a nossa raça, que se diz superior, e depois, dada a grande superioridade que as solas tem sobre a pellica, o nosso uso de mostrar desagrado, estabelece uma supremacia dos pés sobre as mãos que é de todo o ponto lastimavel em questão de criterio artistico e faz com que a opinião de trinta pessoas, embora de clara intelligencia e de fino gosto, seja esmagada pela sentença de tres sujeitos de pés grandes e de solas grossas.

Entretanto como cada terra tem seu uso e cada roca tem seu fuso, não temos remedio senão admitir os usos estabelecidos, fazendo votos para que elles se modifiquem n'um sentido mais civilizado e mais delicado, e protestando contra elles, não os seguindo nunca.

Segundo no seu artigo, continúa o meu illustre collega Alberto Braga.

«O mesmo gracioso escriptor, que durante tempo se abstera de fazer critica theatroal, abriu uma excepção, para, na publicação semanal que dirige e no periodico diario em que collobora, escrever um longo artigo, assignalando os defeitos da referida peça e justificando assim a reprovação que ella tivera na primeira recita por parte de tres ou quatro espectadores d'entre os oitocentos que então a ouviram e applaudiram. Ainda tinha razão.»

Perdão outra vez, meu caro Braga, mas não tinha razão nem deixava de a ter, porque não disse nem fiz nada d'isso que o meu amigo diz.

Em primeiro lugar não abri excepção alguma, porque não fiz critica theatroal. Encarregado de registar os acontecimentos mais salientes de Lisboa, não me posso eximir a fallar de peças, quando essas peças constituem acontecimento saliente, mas simplesmente d'ellas dou noticia e não faço critica, porque desde que comecei a escrever para o theatro deixei de fazer critica de theatro, por entender haver incompatibilidade absoluta entre as duas profissões — critico theatroal e auctor dramatico.

Nas minhas chronicas dou apenas noticia das peças e da maneira como foram recebidas, muito feliz sempre que posso registar um triumpho ou defender com justiça uma obra d'arte; muito latico quando não posso fazer isso, evitando, recusando-me sempre a fazer censuras, porque tenho peccado muito para poder atirar um seixo sequer.

Do artigo que escrevi — e só no *Ocidente*, porque não fui eu que o transcrevi no *Correio da Manhã* que não está nos meus habitos transcrever artigos proprios — ser longo a culpa não é d'elle coitado! que só occupa uma columna, é minha que não soube fazer o parecer curto; e em quanto a assignalar os defeitos da peça justificando assim a reprovação que ella tivera na primeira noite assignalei-os dizendo que a peça tinha defeitos e qualidades, que se a peça fosse a estreia d'um homem novo no theatro e nas letras os defeitos seriam mortos pelas qualidades: se fosse peça d'auctor dramatico já de ha muito feito, as qualidades seriam mortas pelos defeitos, que sendo como em uma estreia, mas estreia em theatro

d'um escriptor que tenha já atraz de si longa e gloriosa carreira, as qualidades e os defeitos mantinham-se no seu justo valor, e d'ahi a peça não ser um desastre a que se deva tirar a cara, nem um triumpho a que se deva curtar o joelho.

Foi isto o que eu escrevi e se isto é justificar a reprovação do publico, não sei o que vem a ser pôr as coisas nos seus lugares.

Esta chronica vae já enorme, e por isso porei ponto n'este cavaco, tanto mais que o que quiz foi apenas protestar contra a paternidade do artigo que me attribuiam e contra a interpretação dada á noticia que fiz a respeito da *Estrada de Damasco*, com toda a consideração que tenho pela verdade e com toda a estima que tenho por Alberto Braga e pelo seu distincto talento, como então disse e como hoje repito com toda a convicção e com toda a sinceridade.

Acontecimentos na semana ha muito poucos e foi por essa falta d'assumpto que me permitti esta digressão.

Fôra do theatro ha apenas a questão de saber se o sr. conde de Burnay é belga ou é portuguez, é deputado ou não é deputado, questão que vae já sendo eterna e que na imprensa e no parlamento vae já tomando muitos ares d'um verdadeira *scié*.

No theatro portuguez as novidades que ha é não haver nenhuma e não as haver p. r muito tempo. A companhia do theatro de D. Maria partiu no dia 23 para o Brasil e só volta em outubro; a companhia do Gymnasio foi acabar a sua epoca ao Porto, e em Lisboa só a teremos a representar em setembro; a companhia do Principe Real está tambem no Brasil e só regressa em outubro.

Theatros portuguezes só temos a Trindade, com a réprise do *Segredo d'uma Dama* que agradeu, a Rua dos Condes que deu com exito a zarzuela *El Rei Damnado*, e a Avenida que annunciou uma nova magica. Novidades estrangeiras temos tres.

Em S. Carlos a companhia franceza a que já nos referimos e que teve ha noites um grande successo com a *Mignon* cantada e representada excellentemente pela sr.ª Traquini d'Or e tenor Grandubert.

No Gymnasio uma companhia de declamação hespanhola, que não traz celebridades, mas que é d'ensemble muito regular e tem bom repertorio.

No Colyseu dos Recreios, uma companhia d'opera comica italiana, que é boa e que tem uma actriz muito distincta e de grande futuro no genero, a sr.ª Elena Tani.

E para terminar uma boa noticia.

Está muito melhor dos seus incommodos o nosso querido amigo e glorioso escriptor o sr. Piniheiro Chagas.

E' com profunda alegria que damos esta noticia e fazemos os nossos ardentes votos pelo seu prompto e completo restabelecimento.

Gervasio Lobato.



AS NOSSAS GRAVURAS

A NOVA EGREJA DE NOSSA SENHORA DA ROCHA, EM CARNAXIDE

E' do nosso seculo a pequena historia do apparecimento de uma imagem da Virgem Maria, n'uma gruta, chamada da Rocha, na margem do rio Jamor, no lugar de Carnaxide.

Conta-se que, na manhã do dia 28 de maio de 1822, andando uns rapazes brincando nas margens do rio Jamor, correram atraz de um melro, que ali saltitava de pedra em pedra, mas a pequena ave vendo-se perseguida, levantou vôo e desapareceu. Os rapazes, porém, na sua correria, fizeram levantar um coelho, que saiu de uma balsa e fugiu pela margem do rio perseguido pelos rapazes, até que se metten pela fenda de um rochedo e desapareceu tambem. De pouco lhe valeu esse esconderijo, porque os rapazes, não podendo entrar pela fenda, foram se a buscar ferramentas para a alargarem, e tanto fizeram que conseguiram abrir uma entrada por onde penetraram no rochedo, munidos de uma lanterna, que foram bus-

car, e qual não foi o seu espanto quando se viram dentro de uma grande lapa de forma oval, tendo 28 palmos de comprimento por 24 de largura e podendo abrigar umas oitenta pessoas. Na diligencia de apanharem o coelho percorreram toda a gruta encontrando entre umas pedras duas caveiras e outros ossos humanos.

Depressa correu a noticia d'esta descoberta e o povo principiou a affluir á gruta impellido pela curiosidade, até que passados alguns dias depois da descoberta, a 31 do mesmo mez, foi encontrada, por Manuel Placido, de Carnaxide, uma pequena imagem de Nossa Senhora, na gruta, entre umas pedras. A imagem era de barro, e tinha um manto de seda muito velho.

Este novo achado redobrou o interesse da descoberta, e mais extraordinario se tornou o caso, quando no dia seguinte se deu pela falta da imagem, sem se saber de quem a tivesse d'ali tirado, não obstante todas as devassas a que se procedeu. Quatro dias depois d'este desaparecimento, foi encontrar-se a pequenina imagem sobre uma oliveira proxima da gruta, o que logo foi attribuido a milagre, mandando então a auctoridade collocar a imagem na gruta e com guarda para que novamente a não tirassem de lá.

A concorrência de povo cada vez foi sendo maior, não só dos logares visinhos, como de Lisboa e outras terras da Extremadura. Aquelle logar ermo transformou-se n'um arrabal permanente de todas as classes da sociedade, nobreza, clero e povo, ali se viam em grande numero, dando as suas esmolas e chegando muitos a despojarem-se de seus adornos de ouro e a offerrecel os á pequena imagem. A oliveira onde a imagem apparecera, depois de ter desaparecido da gruta, foi levada a pouco e pouco pelos visitantes, em pequenos ramos e lascas de seus troncos, como preciosas reliquias.

As esmolas elevavam-se já á valiosa quantia de cerca de dois contos de réis, e como houvesse quem quizesse participar d'essas esmolas, sem para isso estar auctorisado, mandou el-rei D. João VI, por portaria de 27 de julho d'aquelle anno, que a dita imagem, á qual dera o titulo de *Nossa Senhora da Rocha*, fosse transferida para a Sé de Lisboa, o que se effectuou no dia 5 de agosto.

Foi com grande magua que o povo de Carnaxide e seus contornos, viu retirar a imagem, que dia a dia ia crescendo em fama de milagrosa, e tanta que em Lisboa não afrouxou o fervor com que os devotos a procuravam nem as valiosas ofertas que lhe faziam, o que deu lugar a projectar-se a construcção de uma igreja no logar da gruta onde a imagem tinha apparecido.

Do projecto passou-se á obra e em breve se lançaram os alicerces do templo, que se ergueu até meia altura de suas paredes, parando depois os trabalhos por falta de dinheiro.

No entanto o povo bom e crente, procurava sempre a gruta, onde collocára um registo da milagrosa imagem, acendendo lhe velas e cantando lhe ladainhas, o que levou o governo, á instancias do cabido, a mandar tapar a entrada da gruta com grossa parede de alvenaria, afim de desviar completamente d'aquelle local a concorrência de devotos, encaminhando os para a Sé de Lisboa.

Passaram-se sessenta annos, quando em 1882, sendo ministro do reino o sr. conselheiro Thomaz Ribeiro, o governo accedendo as representações que por varias vezes lhes tinha feito o povo de Carnaxide, resolveu que a imagem de *Nossa Senhora da Rocha* voltasse para aquella terra, indo então para a freguezia.

O regresso da imagem para Carnaxide foi festejado, como não ha memoria de festa igual n'aquelle terra. Durou tres dias a festa a que assistiu a familia real, e por essa occasião se iniciaram trabalhos para levar a effeito a construcção de uma igreja expressamente dedicada a *Nossa Senhora da Rocha*, escolhendo-se o mesmo local junto á gruta, para a edificacão.

O sr. conselheiro Thomaz Ribeiro, foi o que mais concorreu com a sua influencia para que a obra se fizesse, e para que o edificio não ficasse collocado n'um ermo escaldado e arido, fizeram-se importantes obras de terraplanagem e ajardimento, que transformaram o logar n'uma estancia aprazivel.

E' esse delicioso logar, com a igreja que a nossa gravura representa, e onde no dia 28 do mez que findou, houve uma grande festa como que de inauguração da igreja, festa que Sua Magestade a Rainha Senhora D. Amelia honrou com a sua presença, levando seus filhos e acompanhada pelos seus camaristas, comparecendo tambem o sr. presidente do conselho.

Sua Magestade fez oração na igreja e visitou depois a gruta onde a imagem appareceu, e á

sahida o sr. conselheiro Thomaz Ribeiro offerrecer á Rainha uma rica pasta com a flor de liz e dentro as Cruzes de Christo e de S. Thiago. O desenho de Raphael Bordallo Pinheiro emoldurava os seguintes versos que o primoroso poeta do *D. Jayme*, compoz para a festa do torneio que o anno passado se realisou no hyppodromo de Belem e que offerrecera á princeza Helena, irmã de Sua Magestade a Rainha:

Senhora. Já tendes visto
Como fica a flor de liz
Bella entre as cruces de Christo
De S. Thiago e de Aviz

Na pasta além das assignaturas dos mezarios, assignaram a sr.^a D. Joanna Hintze Ribeiro e seu marido o sr. conselheiro Hintze Ribeiro.

ORIGINALIDADES

(CONTO BRITANICO)

(Continuado do numero antecedente)

Madame Lippe, como todas as mães que o sabem ser, amava extremamente, e mais que a sua propria vida, a vida de sua filha.

Não havia cuidados que ella lhe não prodigalisasse com affecto extremo, com solicitude infatigavel.

A doença prostrara a creança por vezes no leito sem forças e quasi sem vida, mas a mãe velava noites e noites á cabeceira da moribunda, e a dedicacão salvou a sempre.

Amabel recebera por mais de uma vez a vida á custa do sacrificio de sua mãe, e por isso para esta convergiram todos os affectos da sua alma.

De mais, era orphã de pae, e não tendo com quem dividir o amor filial que lhe trasbordava do coração ternissimo, na mãe concentrava todo aquelle sentimento, que é a alegria e a felicidade dos paes.

Eram inseparaveis, viviam uma para a outra; tinham um só pensamento, um só querer e quasi um só existir.

Se o fio de uma d'aquellas existencias se partisse, diziam todos, a outra finar-se-hia de saudades.

Um dia Madame Lippe dera o derradeiro suspiro com o ultimo beijo deposto na face da filha.

Morrera abraçada a ella, e tão violento, tão intimo fora aquelle abraço, que difficil foi a separação dos dois corpos inanimados e hirtos.

Não era, porém, para Amabel aquelle o derradeiro momento.

Sobreviveu para chorar sobre um leito aberto e uma sepultura fechada.

As lagrimas seccaram-se-lhe sem terem alliviado o coação.

Tristissimas e penosas foram as noites de vigilia ás quaes a solidão augmentava a dôr.

Não tinha ella um irmão? Porque não repartia com elle a magua, o soffrimento?

Maximiliano era o mais perfeito contraste da joven sua irmã.

A habitacão paterna não tinha para elle os attractivos da felicidade domestica, e o seu coração não fóra moldado para as lagrimas e para a dôr.

Se alguma paixão o dominava não era decerto a do amor filial.

Os passatempos estereis e ociosos absorviam-lhe de tal modo os de mais sentimentos que muitas vezes se esquecia de que não era só no mundo.

Deixava a irmã dias e dias e quando regressava tão preocupado vinha que não reparava que a alegria tinha abandonado completamente a pobre creança que o rosado das faces fóra substituido por um pallor mortal, que Amabel se definhava mais e mais, que perdia as forças por effeito de uma debilidade geral do organismo, que uma tosse intermittente lhe abalava o peito fazendo assomar-lhe aos labios uma expecturação ruhra, finalmente, que a irmã ia caminhando nos diferentes graus de uma molestia terrivel, incuravel — a tísica pulmonar.

Um dia, voltando a casa após longa separação, encontrou Amabel rodeada de tres facultativos. Estava extremamente pallida; parecia um cadaver tombado sobre a pedra anatomica.

Os medicos auscultavam, examinavam, estudavam detida e escrupulosamente a doente.

Depois, sem terem proferido uma unica palavra, bastando haverem trocado entre si um olhar d'intelligencia e de accordo, indagaram e Charles era parente d'aquelle senhora.

Tendo recebido resposta affirmativa de que era da familia, de que era irmão da enferma, tomaram-o de parte, aconselharam para elle a resi-

gnação e para a irmã a mudança d'ares; um passeir á Suissa, como meio de poder represar por algum tempo a roda d'aquelle vida que ia desandando com rapidez vertiginosa.

Maximiliano estremeceu; sentiu remorsos do passado e tornou-se d'ahi em diante sollicito, carinhoso.

Ministrava elle mesmo á doente os caldos e os medicamentos, e não queria que mais ninguem vigiasse pelo cumprimento das prescripções dos facultativos.

Ou fosse pela acção do tratamento physico, ou pelo sentimento do bem estar que na doente se manifestou em presença da dedicacão do irmão, dedicacão a que não estava habituada, e que lhe povoava a alma, ha tanto tempo deserta de taes affectos, começou pouco e pouco a reanimar-se até que Maximiliano julgou poder, sem perigo para sua irmã transportar a á Suissa, indo fixar-se no hotel da Beira do Lago onde Williams se fóra depois hospedado e onde tambem a vimos pela primeira vez.

Amabel sentia-se melhor, dizia ella, mas era certo que a vida lhe ia fugindo insensivelmente, sem deixar mesmo perceber a brevidade com que tencionava abandonar-a de todo.

São assim aquellas enfermidades.

Pelo seu lado Maximiliano, confiando demasiadamente no estado de apparente restabelecimento da irmã, dava outra vez largas ao seu genio alegre, folgazão, e as ausencias eram outra vez frequentes.

O espirito delicado da jovem conheceu logo a mudança operada e sentiu-se profundamente: mas a sua boa alma nem sequer softou uma queixa, uma censura, que poderia offender o irmão ou distrahir o dos seus passatempos favoritos.

Se elle era jovem e robusto porque obrigar-o ao sacrificio enormissimo de agrihoar por assim dizer toda aquella mocidade, toda aquella alegria, ao seu leito de dôr?

Era extremamente boa e amavel: soffria mas não queria fazer soffrer; conhecia o genio de Maximiliano e não queria contrariar-o.

— Se a sua amizade viesse do fundo do coração, dizia ella, que necessidade haveria de o advertir? Não procuraria com afan a minha companhia? Não estaria sempre ao meu lado para me dar coragem?

E n'isto vinha-lhe á ideia a posse de um marido.

— Loucura! repetia consigo mesma após certa reflexão; e desviava o pensamento para outro assumpto extranho.

Bem sabia ella que o seu estado de saude não lhe permitia pensar na possibilidade de um pretendente á sua mão tão dessecada, tão transparente; e todavia esta ideia assaltava-lhe com frequencia o espirito.

Teria algum pretendente?

Agora que conhecemos a jovem que attrahira tão irresistivelmente a attenção de Williams, voltemos aos aposentos d'este para saber o que por lá se passa.

O genteman acabava de barbear-se com esmero e dava a ultima demão ao alisar das suissas e ao compôr dos cabellos.

John, que acabava tambem de escovar a casa, offerrecia a ao amo de uma forma bastante commoda a poder-lhe enfiar os braços com rapida presteza.

Depois, compôr o laço da gravata branca e esticar a luva, foi para Williams obra de um momento.

Dada a ultima vista d'olhos para o espelho, tomou do chapéu de pasta e encaminhou-se ao escriptorio do hospedeiro a quem pediu que o fosse apresentar a mr. Maximiliano Charles et Lippe.

— O sr. de Lippe, respondeu o homem, ha tres dias que está ausente.

— Perfeitamente, tornou Williams, dando-lhe um cartão ao qual addicionou algumas palavras; queira fazer chegar ás mimosas mãos da encantadora miss Amabel et Lippe este endereço. E subiu á sala proxima para ali esperar diplomaticamente a resposta da embaixada.

Amabel ouviu bater á porta do seu quarto mas não abriu sem ter reconhecido a som mal timbrado da voz do dono da casa.

— Queira desculpar, minha senhora, mas é urgentissima a entrega d'este cartão: e apresentava á dama o cartão dentro d'uma salva de prata.

(Continúa)

A. Motta

EXPOSIÇÃO DO "GREMIO ARTISTICO"



UM DEITA GATOS

QUADRO DE L. FREIRE

EXPOSIÇÃO DO «GREMIO ARTISTICO»

(Continuado do n.º 519)

Veem-se n'esta exposição uns cinco quadros de um artista novo, um discípulo da Academia de Bellas-Artes de Lisboa, o sr. Adolpho Rodrigues, que despertam certo interesse, principalmente dois d'elles, *Hero e Leandro* e *Esperando o peixe*.

O primeiro d'estes quadros é o do concurso da Academia, que premiou o seu auctor com a medalha de prata, recompensa bem merecida, porque este quadro tem qualidades pouco vulgares, e se a sua entoação é um pouco convencional, nem por isso nos desagradam pela grande harmonia que tem a par de uma correcção de desenho irreprehensível, sendo o nu muito bem pintado, embora o seu tom cadaverico repugne um tanto á vista. Mas d'isto não tem culpa o pintor, desde que o ponto do seu concurso lhe destinou reproduzir a historia d'aquelles infelizes amantes, na situação em que o Hellesponto arroja á praia o corpo do apaixonado mancebo de Abydos, afogado ao atravessar aquelle rio para vir encontrar-se com a sua querida Hero, a qual morre ali de dor junto do cadaver do seu amante. É uma scena triste que não pôde alegrar nos nem os olhos nem o coração, mas que nos alegra o espirito se attentarmos bem no modo porque o novel artista a interpretou e reproduziu na sua tela.

É uma promessa este quadro, que oxalá não seja como tantas outras que temos visto e que, infelizmente não tem passado alem, esterilizando-se ás vezes n'um desanimo antes mesmo da lucta.

Parece-nos que não succederá assim com o sr. Rodrigues, porque os quadros que apresenta, especialmente o segundo, que mencionámos *Esperando o peixe*, sustenta bem os creditos adquiridos com o seu quadro do concurso.

É de um effeito e assumpto inteiramente differente do primeiro. Aqui affirma-se mais o colorista; a correcção no desenho a mesma. É talvez minucioso de mais em todos os promenores, salvando-se milagrosamente da dureza, pelo bem feito da pintura, de grande limpidez, conhecendo-se que está ali um miniaturista, se attentarmos na paciencia com que estão pintadas as florinhas dos lenços que as duas ovarinitas tem na cabeça, disputando primazias de nitidez ao proprio fabricante que os estampou.

No collorido observa-se ainda uma certa ingenuidade no novel pintor, nos valores das suas tintas, tratando mais de cada uma em especial do que da relação de umas com as outras. Mas se nos merecem reparo estas inexperiencias do artista, é porque, nos parece, valer a pena notal-as a quem tanto promete n'estes seus primeiros trabalhos.

Os outros quadros são menos felizes, apesar de todo o acabamento.

Menos acabados são os quadros do sr. Luciano Freire, e, não obstante, resistem perfeitamente á critica pelo grande tom de verdade que possuem. Questão de temperamento, uma certa impaciencia de concluir a sua obra não o deixa attentar n'uns pequenos nadas que ás vezes prejudicam o todo.

É o que notamos, por exemplo, no seu quadro *A venda do leite*, uma tela cheia de verdade, de observação, bem desenhadas as vacas e o vaqueiro, certo no tom, mas um tanto descurado no plano do fundo do quadro.

Este artista já muito conhecido do publico pelos seus quadros historicos, de genero e de paizagem, alguns d'elles premiados, e todos vendidos, incluindo o seu quadro *D. Sebastião*, adquirido pela camara municipal de Lisboa, tem affirmado, nas ultimas exposições, notavel tendencia para um genero de pintura que poucos cultivam com distincção, e é a pintura de animaes, essa especialidade tão difficil de que raros pintores triumpham.

A prova d'isto é, alem de outros quadros do mesmo genero que tem exposto, o que apresentou agora, *A venda do leite*.

Não se consegue dominar este genero sem uma natural disposição, secundada por grande estudo e trabalho, e o sr. Freire tem sido um luctador para triumphar de todas as difficuldades que se atravessam na carreira de um artista.

Mencionemos ainda um pequeno quadro d'este artista, *Um deita gatos*, quadro cheio de observação, que desenha um d'esses typos importados da Galliza, que hoje infestam Lisboa, concertando e partindo loiça, a troco de quaesquer vintens ou até de uma codea de pão, porque, o principal fim d'esses pobres artífices é matarem a fome, apesar das suas caras redondas, de certa apparencia sábia.

O typo está bem estudado, o desenho correcto e certo no tom, qualidade que se observa em todos os quadros d'este artista, que não se deixa seduzir pelos deslumbramentos do colorido, o que não impede e antes faz com que os seus quadros tenham côr, naturalidade.

Uma paisagem, *Um effeito de manhã*, completa

a exposição d'este artista. É menos feliz que os outros a menos acabado este quadro.

Em paisagem, marinhas e figura, apresenta o sr. Baeta cinco quadros apreciaveis.

O sr. Baeta, um artista muito consciencioso, desenha com a elegancia de um decorador, muito cuidadoso no acabamento dos seus quadros, sem dureza e procurando bem a nota certa do tom.

A sua paisagem *Portello da Quinta Real de Queluz* é um motivo bem escolhido de que tem pintado varios quadros, pois já não é a primeira vez que o vimos em exposições. *A Praia do Caramujo*, é bem pintado, ainda que não sympathisamos demasiadamente com o tom do quadro, em que encontramos uma certa secura.

A *Cabeça de velho* é muito bem pintada e reproduz admiravelmente o modelo que conhecemos. É o velho Córvo que depois de ter feito a sua peregrinação por Lisboa distribuindo folhas de romances e jornaes, faz agora a sua peregrinação pelos ateliers distribuindo-se a si mesmo como um bello modelo de velho que os estudantes e artistas vão aproveitando com vantagem.

É assim que vemos a cabeça do velho Córvo reproduzida em varios quadros da exposição e já o podemos admirar no bello quadro *S. Jeronymo*, do concurso do sr. Silva, o anno passado.

E por tal signal, que este quadro era muito superior ao que o sr. Silva este anno expõe e que se intitula: *Na praça da Figueira*.

Quem o anno passado apresentou o *S. Jeronymo* não era de esperar que este anno apresentasse uma collareja tão incorrecta nas formas e no desolado tom, incorrectão que não seria para extranhar no gesto e lingua da vendeira descompondo o freguez que não chegue ao preço das suas laranjas, mas que não se justifica no phisico porque algumas d'estas collarejas não são nada mas de fórmãs.

Collareja mal feita e de má lingua *vá de rectro*.

Vê-se que o sr. Silva precepitou a sua obra, não teve o tempo sufficiente para a corregir dos defeitos do primeiro esboço, nem para a virar para a parede, por alguns dias e depois vella mais despreocupadamente. Se assim não fosse estamos certos que teria emendado o seu desenho, teria visto melhor o modelo, e se lhe não tivesse dado mais um bocadinho de tom e côr porque o seu temperamento e a sua retina se contentassem com o que tem, teria pelo menos feito um desenho correcto que afinal é a base de toda a obra d'arte.

(Continua).

Xylographo.



A VENDA DO LEITE — QUADRO DE L. FREIRE

(Copia de uma photographia do sr. Camacho)

OS PAÇOS MONASTICOS DE MAFRA

(Conclusão)

Terminada a visita ao convento e palacio de Mafra pelo costumado passeio nos terraços d'esse immenso edificio, e depois de ter gosado um extenso e admiravel panorama da varanda, por assim dizer, aerea, que circunda o lanternim, sobre a cupula do zimbório, o viajante ainda tem muito que ver e admirar na cerca e na tapada, cujos muros se alongam, por montes e valles, na extensão de quinze kilometros.

Se, na verdade, a todos se afigura em extremo pesada, severa e triste a architectura de Mafra, cumpre advertir, para sermos justos, quanto ella é nobre e regular, e tambem quanto as differentes partes de todo o edificio estão em boa harmonia e proporção umas com outras, sendo igualmente notaveis pela propriedade das decorações e ornatos. E muito ha que apreciar na resultante geral da sua expressão—no modo porque alli se allia-

tura de alguns terrenos por conta da Casa Real, sem que isso custasse «uma só mealha dos dinheiros publicos», e deram-se outras terras, por tres annos, de usufructo aos habitantes da villa de Mafra, que as quizessem desbravar, tornando-as productivas. Foi assim que, a pouco trecho, a granja começou de vecejar ao lado do carrancudo edificio, e a pularem do solo as searas, os campos de milho, os batataes e os pinheirinhos bravos, que já então cobriam os cabeços dos montes, os castanheiros, os carvalhos, os platanos e azinheiros, que rangendo e vergando com a furia do noroeste, que reina alli com frequencia, vieram a formar, com o rodar dos annos, os frondosos arvoredos que hoje alli ha, e que fizeram exclamar a uma poetiza :

*Tua immensa folhagem
Não deixa penetrar do sol os raios.*

Desentranhando-se em louvores ás «Vontades Reaes que fizeram nascer a granja-modelo» e ao

O fim d'essa utilissima instituição era ministrar ensino que comprehendesse :

1.º O tiro nas suas diversas applicações e o estudo das armas de fogo portateis usadas em o nosso exercito e nos das principaes nações.

2.º A fortificação do campo de batalha ;

3.º A tactica applicada ao terreno e os servicos de segurança e exploração ;

4.º A esgrima e gymnastica nas suas diversas applicações militares ;

5.º A telegraphia optica e a avaliação das distancias á vista e por meio de instrumentos ;

6.º A instrucção sobre os trabalhos de campanha para os sapadores, da infantaria e cavallaria.

Em cada periodo de instrucção, na primavera e



A NOVA EGREJA DE NOSSA SENHORA DA ROCHA, EM CARNAXIDE

(Copia de uma photographia)

ram a realza e a vida monastica — como bem observou um escriptor — tomando o convento as fórmas do palacio, e este interiormente a simplicidade austera do convento; — a devoção ostentosa do soberano e dos fidalgos, os habitos tristes e monotonos do povo, enfim, o viver meio fradesco da sociedade, com que todos procuravam encobrir ou sanar a corrupção que ia lavrando no corpo social.» — Por outro lado, o viajante regalou-se de haver contemplado na igreja um perfectissimo exemplar da architectura italiana ou do Renascimento. Nunca mais tornará a ver órgãos como aquelles da capella-mór, cujas caixas ou madeiramento parecem antes de tartaruga do que de madeira do Brazil; nem sodas nem bordados como os dos magnificos paramentos que os olhos se não cançam de admirar!

Ha mais de cincoenta annos que Alexandre Herculano saudou com verdadeiro jubilo o estabelecimento de uma granja modelo na tapada de Mafra, que era então, segundo o seu auctorizado testemunho, um vasto maninho coberto de abrohos e urzes, onde raro se alevantava uma arvore solitaria ou algum pequeno e infezado pinhal, sumido enire mattos inuteis. Procedeu-se á cul-

intendente das cavallariças reaes Severino Alves, encarregado do arroteamento, o auctor da *Harpa do Crente* e do *Monge de Cister*, com o seu gosto já pronunciado pela agricultura, via com prazer na tapada de Mafra os prados virentes de trevo, anafa, cenoura e luzerna, bem como as mattas incipientes ao norte e oriente do palacio — as eguas e os poldros que compunham a coudelaria, e as cincoenta vaccas de raça fina, e vulgar, que eram alli tratadas com esmero, — e inspirado pela seriedade do seu character, notava «nos rostos dos habitantes da villa e dos districtos circumvisinhos, e até nos seus trajos e porte, que, se o amor da taverna tinha diminuido, os habitos do trabalho e por isso a abastança tinham augmentado.» E, terminava, exclamando: «Mafra está sendo um foco de luz, uma fonte de progresso agricola.»

Realizado esse progresso, passados muitos annos, veio outro, cuja elevada importancia salta aos olhos de todos. Refiro-me á escola pratica de infantaria e cavallaria, com a dotação annual de 10.000\$000 reis, creada em Mafra por lei de 22 de agosto de 1884, sendo ministro dos negocios da guerra o sr. visconde de S. Januario.

no outomno, alli se reunia, contorme as disposições da mesma lei, uma força composta de um batalhão de infantaria e de um esquadrão de cavallaria, ambos no pé de guerra e formados por companhias constituídas, pertencentes a corpos da mesma especie. Além d'isso, aos primeiros sargentos d'aquellas armas, mais antigos na escala do accesso, dava-se na escola o ensino theorico-pratico indispensavel para poderem ser promovidos ao posto de alferes.

Quasi tres annos depois, sendo presidente do conselho de ministros, encarregado interinamente da pasta da guerra, o sr. conselheiro Antonio de Serpa Pimentel, foi o governo auctorizado, por decreto de 10 de fevereiro de 1890, a proceder á reorganisação do exercito, e a escola pratica de infantaria e cavallaria era comprehendida na disposição do art.º 1.º, base 6.ª, que diz o seguinte: «Transformar a escola pratica de infantaria e cavallaria em duas escolas independentes para as ditas armas.»

Finalmente, a ordem do exercito de 26 de abril de 1890, insere dois decretos com data de 17, que separaram a escola pratica em duas, sendo uma de infantaria e outra de cavallaria, e ainda um

POESIAS DIVERSAS

decreto sobre o mesmo assumpto, com data de 24, pelo qual era approvedo o Regulamento provisório da escola pratica de infantaria, que actualmente está em vigor.

Pelo primeiro d'esses decretos incumbem especialmente á escola pratica de infantaria, estabelecida em Mafra :

a) Aperfeiçoar e desenvolver na arma de infantaria a instrução de tiro, gymnastica e esgrima;

b) Habilitar officiaes, officiaes inferiores e mais praças na pratica de todos os outros ramos de instrução e serviço da arma;

c) Completar a instrução pratica dos alumnos do curso de infantaria da escola do exercito;

d) Conhecer e experimentar as principaes armas de fogo portatéis, adoptadas ou propostas nos differentes paizes.

e) Ensaiar todos os melhoramentos relativos a qualquer especialidade de serviço ou instrução da infantaria, cujo exame lhe for determinado;

f) Propôr superiormente quanto julgue conveniente para o desenvolvimento da arma.

Pelo segundo dos citados decretos foi estabelecida provisoriamente em Villa Viçosa a escola pratica de cavallaria.

Do regulamento da escola pratica de infantaria, em Mafra, vê-se que ella tem por fim unificar e desenvolver a instrução de tiro, gymnastica e esgrima na arma de infantaria, habilitando instructores para estas especialidades; — que se subdivide em duas secções: — 1.ª Secção de tiro; 2.ª Secção de gymnastica e esgrima; — que tem um pessoal permanente composto de um estado maior e de um estado menor: — Estado maior: — 1 coronel, commandante — 1 segundo commandante, tenente coronel ou major — 3 capitães adjuntos — 5 tenentes adjuntos — 1 cirurgião — 1 segundo official da administração militar. — Estado menor: — 7 officiaes inferiores — 10 primeiros cabos — 40 soldados — 1 coronheiro — 1 espingardeiro. — Ao todo, 71.

Além do campo para exercicios, carreiras de tiro e terrenos apropriados para tiro de combate, há na escola casa para secretaria geral, sala para conselho administrativo, sala para bibliotheca e leitura, sala de armas, sala de desenho, gabinete de instrumentos e modelos, laboratorio photographico, lithographia, gymnasio, museu de armas, de equipamento e de material de bivaque dos exercitos estrangeiros, estação telegraphica, pombal militar, quartéis para o pessoal permanente e eventual, enfermaria e suas dependencias, arrecadação do material de guerra, e officinas.

Ha annualmente dois periodos de instrução, sendo cada um de tres mezes, o primeiro de 15 de março a 15 de junho, e o segundo de 1 de agosto a 31 de outubro.

Em cada periodo de instrução concorrem á escola pratica um official subalterno e um official inferior de cada regimento de caçadores e infantaria, e todas as praças que tiverem completado na escola do exercito no anno lectivo anterior o curso da respectiva arma; e na ultima epoca de cada periodo de instrução alli vão tambem os capitães de infantaria mais antigos, no numero que o ministro da guerra determina. E' este contingente de officiaes e soldados que compõe o pessoal eventual da escola pratica.

A classe de esgrima funciona de 15 de janeiro a 15 de dezembro de cada anno e versa sobre esgrima de florete, de sabre e de sabre-bayoneta.

Juntamente com o estabelecimento da escola pratica, a construcção da linha ferrea de Oeste, tornando muito mais breves e faciis as communicações para Mafra, concorreu bastante para desenvolver o movimento commercial e agricola da villa e suas visinhanças, o bem estar e commodidade dos seus habitantes, e n'uma palavra, a riqueza da terra, onde se vêem muitos predios novos e outros em construcção.

Mas, de todos os beneficios que tem resultado da escola pratica, o que mais avulta aos olhos do economista é, sem duvida nenhuma, o augmento da população. Porque muitos militares, sendo alguns officiaes, opprimidos talvez das angustias crues da nostalgia, ou fascinados pela irresistivel attracção da formosura, alli tem contraído os laços indissolueis do matrimonio; e o caso é que o seu exemplo vaé sendo seguido com grande gaudío da gente moça.

Alberto Telles.

TEXTO

LEMBRANÇA INDELEVELE

Ah! quantos annos já lá vão, ah! quantos!
Que eu de ti goso, ó patria idolatrada;
Mas não m'esquece aquella mauguada,
Em que te vi surgir, cheia de encantos,

Do vaporoso ar por entre os mantos,
D'entre as aguas do Tejo alevantada,
Phantastica visão, tão desejada,
E chorei de alvoroço a egres-prantos.

Não me lembra o desterro, a desventura,
Lembra-me o dia em que te vi sómente,
E inda tanto esse dia hoje fulgura,

Que o passado a meus olhos faz presente,
Que faz toda outra f'licidade escura,
Que inda banha de amor minh'alma ardente.

Ramos Coelho.

VERSIONE

RICORDO INDELEBILE

Ah! quanto tempo già trascorse, ah! quanto!
Che in te, patria adorata, io fo dimora;
Per l'alba di quel dì rammento ancóra
In che apparivi a me piena d'incanto,

E tutta avvolta in vaporoso manto,
Dalla linfa del Tejo emérger fuora,
Fantastica vision, bramata ognora,
E, commosso, ho versato allegro pianto.

Più non penso all'esilio, alla sventura,
Penso al dì in che ti vidi, solamente;
E tai dì anco oggi in suo foigór sí dura,

Che il passato ai miei sguardi fa presente,
Che qualunque altro mio contento oscura,
Che bagna anco d'amor quest'alma ardente.

TEXTO

CRENÇA NO PORVIR

Um dia, ó patria, sahirás do leito,
Em que jazes ha tanto adormecida.
Ah! se Deus até lá me desse vida,
Como deixara a vida satisfeito!

Julgaste para ti o mundo estreito;
E hoje do mundo estás quasi esquecida!
Não succumbas ao mal; resiste; luta;
Podes muito fazer, que muito has feito.

Brio, fé e valor tens como outr'ora;
Tens de teus filhos o soberbo muro;
E o mar que inda te chama e te namora.

Se pois quizeres, o combate duro
Vencerás; raiará de novo a aurora.
Crê em ti, crê no ceo, crê no futuro.

Ramos Coelho.

VERSIONE

FEDE NELL'AVVENIRE

Un giorno, o patria, tu uscirai dal letto
In che stai da stagion lunga assopita.
Ah! s'io fino a quel dì durassi in vita,
Come il lasciarla mi sarebbe accetto!

Parve al tuo ardire il mondo troppo stretto;
E or la fama di te quasi é sparita!
Non t'accasciar; resisti; fatti ardita;
Molto hai fatto, e ancór molto da te aspetto.

Onor, fede e valor possiedi ognora;
Hai nei tuoi figli un usbergo sicuro;
E il mar tuttor t'appella e ti innamora;

Vincerai, purché il voglia, il cozzo duro;
E spunterà per te la nuova aurora.
Credi in Dio, credi in te e nel tuo futuro.

TEXTO

A morte quasi simultanea de dois filhos
de um p. e extremoso
inspirou estes frouxos versos¹

Que immensas agonias se formaram
Sob os olhos de Deus! Sinistra hora
Em que o homem surgiu! Que negra aurora,
Que amargas condições o escravisaram!

As mãos, que um fi ho amado amortalharam,
Erguidas buscam Deus! A Fé implora.
E o ceo que respondeu? As mãos baixaram
Para abraçar a filha morta agora.

Depois, um pai que em trevas vai sonhando,
E apalpa as sombras d'elles onde os viu
Nascer, florir, morrer!

Desastre infando!

Ao teu abysmo, pae, não vão confortos.
És coração que a dôr impedreniu,
Sepulchro vivo de dois filhos mortos.

C. Castello Branco.

VERSIONE

La morte quasi simultanea di due figli
d'un padre affettuoso
ispirò questi fiacchi versi

Quante immense agonie si formàro
Sotto gli occhi di Dio! Fu sinistr'ora
Quella in che nacque l'uom! Che fosca aurora,
Quante amare vicende il soggiogàro!

Le mani, che un figliuol spento palpàro,
S'alzano a cercar Dio! La Fede implora.
Che disse il ciel? Le mani si abbassàro
Per abbracciar la figlia morta or ora.

Poscia, un padre che in buio sta sognando,
E le ombre lor ne palpa, ove ebber vita,
E crebbero, e spiràr...

Disastro infando!

Padre: all'abisso tuo non van conforti.
Anima sei dal duol tutta impietrata,
Sepoicero vivo di due figli morti.

TEXTO

Pela morte de seus dois filhos²

E nunca mais os vê! A morte arrebatou-os
Aos carinhos de um pae que tanto os adorava;
Como um ladrão faminto e máo ella roubou-os,
Sem ver, sem presentir o vácuo que deixava!

E nunca mais os vê! Se ao menos eu pudesse,
Além da campa fria erguer o denso véo
Que nos encobre a luz... talvez eu lhe dissesse:
— Não vês dois lumes mais a fulgurar no ceo?...

Alfredo Avellar.

VERSIONE

Allo stesso per la morte di due suoi figli

E non li vedrà più! La morte gli ha strappati
Ai vezzi di chi tanto i suoi figli adorava;
Come affamato e fiero ladron se gli ha rubati,
Non vedendo, o ignorando il vuoto che lasciava.

E non li vedrà più! Se almeno almen potessi
Oltre l'avello freddo, alzare il denso velo
Che in ténebra ci pon... chi sa ch'io gli dicessi:
Non vedi in più due stelle a sfolgorar nel Cielo?...

Prospero Peragallo.

¹ Do livro. *A Maior Dôr Humana*.

² Idem.

THOMAZ BLANC

(Concluído do n.º antecedente)

Lettres à M. de Lamartine sur quelques paradoxes contenus dans ses œuvres (1844).

Abrégé de la vie de Thérèse Marguerite Redi (1848).

Odes et Élégies.

Vie de S.^a Camille de Lellis (1860)

Chant de la Sibylle hébraïque (1869). Tradução do grego.

L'Économie de la Foi, por Bolgeni. Tradução do italiano.

Méditations sur le Pater par Sainte Thérèse, suivies des sentences et maxime de Sainte Jean de la Croix. Tradução do hespanhol.

Opuscles du P. Perrone. Tradução do italiano.

La mort de Yaginadatta, épi- de du poème indien Le Ramayana, d'après la version portugaise de Candido de Figueiredo.

Les juifs en Chine. Tradução do inglez.

Biographie de l'abbé L. Dorte (1891).

Bastantes das suas poesias sahiram n' *O Instituto*, de Coimbra. Quanto a prosa trataremos aqui de dois breves artigos seus que viram a luz no dito periodico, transcrevendo um e mencionando apenas o outro. O primeiro, que já servira como de ante-prologo á segunda edição do *Parnaso Mariano*, florilegio de poesias a Nossa Senhora, empreendido e dirigido pelo illustre escriptor o sr. Abilio Augusto da Fonseca Pinto, impresso em Coimbra em 1890 e que para isso foi escrito, é ao mesmo tempo uma homenagem de Thomaz Blanc a esta obra, ao seu collector, e ao sabio Antonio José Viale, pouco antes fallecido, e aqui o reproduzimos, imaginando que não desagradará aos leitores.

Les moines et les soldats du modeste royaume du Portugal ont peut-être plus répandu la civilisation et les lumières de l'Évangile parmi les peuples barbares et païens du Nouveau-Monde, et ses poètes, à commencer par le plus célèbre de tous, le Camões, le rival d'Homère et de Virgile, jusqu'à ceux de nos jours les plus illustres, ont plus et mieux chanté les triomphes et les gloires de MARIE que ceux d'aucun autre grand royaume catholique de l'Europe. Aussi avons-nous salué avec bonheur l'apparition du splendide volume où un écrivain de talent, très connu, a réuni les plus beaux morceaux de poésies des favoris des muses, dont les lyres ont réveillé de leurs sons mélodieux les échos des rives du Tage et du Mondego: odes, sonnets, cantates, élégies, pastorales etc., et il en a tressé comme une brillante couronne qu'il a déposée sur le front de la VIERGE IMMACULÉE.

Ce magnifique Recueil sera pour les catholiques sincères un pieux sujet de méditations, et pour les lettrés délicats une mine inépuisable où ils trouveront des matériaux précieux, et des modèles à imiter très remarquables pour la plupart par la diversité de genre et de rythme, l'élégance de la forme, l'élévation et la profondeur de la pensée. Ce qui lui donne, à nos yeux, un grand prix, c'est la biographie, faite par l'auteur très érudit, de chacun des poètes éminents qui ont apporté leur pierre pour la construction de ce monument grandiose élevé à la gloire de la REINE du ciel et de la terre.

Nous laisserons aux lecteurs le soin et le plaisir d'apprécier par eux-mêmes la valeur incontestable du plus grand nombre des pièces que renferme *O Parnaso Mariano*, la tendresse des sentiments, la délicatesse des pensées, la vivacité de la foi, l'amour ardent et la vénération profonde de tous ces hommes de génie, qui font en même temps ressortir les beautés de cette langue portugaise trop peu connue en France.

Toutefois le savant auteur du livre nous permettra de jeter quelques fleurs sur la tombe à peine fermée d'un vénérable vieillard, qui nous honora de son estime et de son amitié, et daigna traduire quelques ans de nos modestes vers dans sa langue natale: ANTONIO JOSÉ VIALE, dont *L'Institut* nous a fait connaître l'immense érudition et décrit en quelques pages la vie si noble et

si chrétienne; c'est pour moi un acte de reconnaissance, de traduire peut être un peu trop librement une de ses dernières pièces, où se révèle la foi vive, la ferme espérance du catholique et sa grande confiance dans la SAINTE VIERGE aux approches de la mort:

TRISTESSES ET PRIÈRES

.....
.....
.....

Où puiser le courage
Pour l'instant redouté
De ce triste voyage
Vers une éternité?

Jésus, mon Dieu, mon Père,
J'entends ta douce voix,
Qui me crie: — Au Calvaire,
A l'ombre de ma croix —.

Jésus, sur le Calvaire
Tu me donnas pour Mère
La Vierge de Juda,
Celle qui t'engendra.

Vierge, mon espérance,
Vers ton Fils, mon Sauveur,
Accours, prends la défense
D'un malheureux pêcheur.

O Jésus, ô Marie,
Dont les noms sont si doux,
Que dans mon agonie,
Je ne pense qu'à Vous.

A ce moment suprême
D'angoisse et de douleur,
O bon Jésus que j'aime,
Pardonne un vieux pêcheur.

Que ma lèvre tremblante
Rebaise mille fois
Ton image sanglante
Suspendue à la croix.

Como se colhe d'este artigo, Antonio José Viale tinha traduzido algumas poesias de Thomaz Blanc. Nunca as vimos.

O segundo consiste na defeza de uns versos nossos á *Virgem*, publicados no mesmo *Parnaso*, nos quaes as *Instituições Christãs*, de Coimbra, encontraram ideias heterodoxas, e que já antes haviam sido defendidos com muita sufficiencia pelo sr. Fonseca Pinto.

Quebrado de corpo, mas não de espirito, o reverendo Thomaz Blanc teve enfim de abandonar a parochia de Domazan, e voltou á terra do seu berço, menos para viver junto dos seus que ainda lhe restavam, do que no intuito de esperar onde nascera a morte que caminhava rapida. Havia setenta e cinco annos que d'ali sahira com destino ás aulas do seminario de Avinhão. Dois mezes depois de estar em Aramon, a 6 de junho (de 1892), escrevia elle ao doutor Assis Teixeira: «Mon âge avancé m'a contraint à prendre ma retraite et à me reposer, en attendant qu'un coup de trombone m'appelle devant le tribunal du souverain Juge. Mais je vous avouerai franchement que j'ai confiance dans la miséricordieuse bonté du Sauveur, que j'ai servi, je crois, de mon mieux. Maintenant voici les nouvelles que vous desirez apprendre sur la santé de l'octogénaire. L'essoufflement, dont je vous ai parlé, a diminué, et, quoique l'appareil respiratoire soit encore gêné, il commence à mieux fonctionner. J'ai bon appétit, je dors passablement bien. Je suis un peu comme la statue de Nabuchodonosor; la partie supérieure est de fer, mais la base est d'argile. Les tibiais, qui étaient si solides, il y a trois mois, qui me permettaient de faire sans trop de fatigue huit à dix kilomètres, ont perdu de leur solidité, et ma démarche est devenue lourde et pesante. Néanmoins rassurez-vous, sauf une attaque ou hémiplegie, à laquelle sont sujets les vieux, il n'y a pas encore péril à la demeure. Si l'an prochain nous ne nous sommes pas encore embarqué pour le grand voyage, et que vous, veniez en France par le Midi, j'espère bien que vous n'oublierez pas Aramon, où nous aurons le bonheur de vous posséder un peu plus longtemps qu'à l'époque du centenaire de l'Université de Montpellier... Le logement que j'habite est tout à fait charmant. J'ai sous les yeux notre Mondego, et une île vaste et verdoyante; je me promène dans un petit jardin, contigu à la maison. Je suis à la ville et à la campagne...»

As molestias e a idade não o inibiam porém de continuar em Aramon os seus trabalhos litterarios. Antes de maio d'esse anno, que devia ser o da sua morte, ainda Thomaz Blanc enviou ao seu amigo, o sr. Fonseca Pinto, uma poesia para ser publicada n' *O Instituto*, *La Foi*, com a se-

guinte nota que parecia prophetica: «Cette pièce sera sans doute le chant du cygne, qui aura bientôt quatre-vingt-six révolus»; e ainda pouco antes de expirar terminava a obra *Les vertus de St. Camille de Lellis*, que traduzira do hespanhol, e para cuja publicação se andava em ajustes.

Atacado de paralytia nas pernas, nos ultimos mezes, forçado a estar sempre n'uma cadeira, o veneravel ancião, em toda a lucidez da intelligencia, media com animo forte e despreoccupado, como acabamos de ler, os passos que lhe faltavam para chegar ao tumulo, e ainda se entretinha cuidando nos seus escriptos e carteando se com os amigos.

Assim a pouco e pouco se lhe foi approximando a morte; assim se foi dispondo para a ultima viagem; até que, no dia 26 de dezembro ás oito horas da manhã, acabou christão e resignadamente, contando oitenta e seis annos e dois mezes.

O doutor Couilomb, seu sobrinho, a quem devemos o especial obsequio de nos mandar o retrato que acompanha este artigo, participando o triste caso ao sr. Fonseca Pinto, dizia no dia seguinte:

«Mon oncle avait une estime toute particulière pour ses amis du Portugal, et votre non figure un des premiers sur la liste des personnes à qui il m'a chargé d'adresser, en son nom, ses derniers adieux.» E a 28 ao doutor Assis Teixeira: «Il avait un cœur d'or et aimait à me parler souvent de son cher ami Assis Teixeira. Je me rappelle encore sa grande joie lorsque vous lui écrivites, il y a quelques mois, que vous comptiez faire prochainement un nouveau voyage en France et que vous lui promettiez de venir l'embrasser avant de mourir. Mon oncle m'a bien recommandé de vous adresser en son nom ses derniers adieux. C'est ce pénible devoir que j'accomplis en ce moment.»

Thomaz Blanc deixou manuscripto, além da obra que estava para imprimir-se, um poema, completo pelo menos até ao decimo canto, segundo afirma o sr. Assis Teixeira, intitulado *Adelcharie ou La jeune négresse*, do qual *O Instituto* publicou alguns fragmentos nos volumes 28 e 29.

Eis a traços rapidos e imperfeitos o que foi o padre Thomaz Blanc.

A Religião perdeu n'elle um sacerdote exemplar, a França um escriptor benemerito e Portugal um bom amigo.

Paz á sua alma e respeito á sua memoria.

Ramos-Coelho.



REVISTA POLITICA

A todos pareceria que as propostas de fazenda seria o que mais seriamente devia occupar as sessões da camara e os artigos da impronsa politica, mas completo engano.

O que mais tem divertido as galerias da camara dos srs. deputados e desopilado o figado dos leitores dos jornaes, tem sido a eleição do sr. conde de Burnay, agora para se saber se sua ex.^a é ou não é elegivel para deputado da nação portugueza pela razão de não se saber se o mesmo sr. é ou não é cidadão portuguez.

Foram estas as duvidas que se levantaram na camara depois do tribunal competente ter accordado em que o sr. conde de Burnay tinha vencido a eleição por Thomaz, que umas falcatruas eleito-raes tiuha posto em perigo.

Os venerandos juizes decediram a causa a favor do sr. conde de Burnay, mas ainda não era tudo, ainda não bastava aquelle susto por que a ex.^a passara, era preciso mais, porque não se «ganham trutas a barbas enclutas» e se foi relativamente facil provar a maioria de votos que fez do nobilitado banqueiro um deputado da nação, outro tanto não está acontecendo com o fazer do mesmo sr. um cidadão portuguez.

A camara nomeou uma commissão para estudar os documentos apresentados pelo sr. Burnay para provar que é portuguez dos quatro costados, e dar o seu parecer sobre o caso, mas esta commissão á maneira d'aquelle conselho de sabios que Gervasio Lobato apresenta no seu *Valete de Copas*, dividiu-se ao meio e metade precisamente foi de parecer que o sr. conde de Burnay era portuguez elegivel, e outra metade foi de parecer exactamente contrario, havendo um membro que se absteve de dar o seu voto por não estar sufficientemente convencido nem d'uma coisa nem d'outra, este emperrou...

E eis como, muitas vezes, coisas facéis se tornam difficilissimas.

O sr. conde de Burnay tem amontuado documentos uns sobre outros para provar a sua natura-

* O original vem no *Parnaso Mariano*, pag. 38.

lidade e nada de a provar. Certidões de idade de seus paes, de seus avós, de todos os parentes, dos amigos, dos vizinhos, do genero humano se tanto fôr preciso, menos a sua, e nada de provar a naturalidade e qualidade de cidadão portuguez.

Os documentos e argumentos apresentados por s. ex.^a nas columnas do *Diario de Noticias* a sessenta réis: a linha, tanto provam que é portuguez como belga e parece que assim lhe convém esta embrulhada, por que se, n'este momento lhe faz conta ser portuguez, amanhã poderá convir-lhe ser belga, e um cidadão poder dispôr para seu uso de duas nacionalidades, não é coisa para desprezar e s. ex.^a tem o bom cuidado de aproveitar tudo.

E' n'isto que está o segredo d'este caso extremamente comico e original, que tem trazido entredida a camara e distraído o publico da triste realidade que lhe prepara as medidas de fazenda das propostas do sr. Fuschini.

A camara tem por enquanto occupado-se menos d'aquellas propostas, que o publico.

A cidade do Porto, principalmente é que parece não se conformar com a classificação de terra de primeira ordem que o sr. Fuschini lhe confere nas suas propostas fazendarias. A invicta cidade, o baluarte da liberdade, a rainha do Douro, que só desprezava estes fóros de realeza para se proclamar livre e independente n'uma republica capaz de fazer a inveja de Andorra, não quer para si as honras de primeira cidade porque essas honras lhe entram pela bolsa como acontece a esta pacata Lisboa, que os governos tem exprimido como um limão.

E no entanto esses governos tem sido prodigos em dotar com melhoramentos de primeira ordem a cidade do Douro, concorrendo Lisboa para uma boa parte d'esses melhoramentos. Tem attendido muito mais facilmente todas as suas pretensões como não attende as de Lisboa, e quando é chegada a hora do sacrificio, que toca a todos, é a cidade do Porto que deseja ser considerada como a mais humilde aldeia d'estes reinos para os effeitos das contribuições.

Ora não pode ser assim carissimos irmãos: nobreza obriga, e vós que marchaes na vanguarda dos progressos da patria, deveis saber que isso custa dinheiro, e hoje que tendes tantos melhoramentos que requirestes para o desenvolvimento da vossa cidade, é preciso provar que esses melhoramentos não foram inuteis e que podeis concorrer para o thesouro com a quota que justamente vos compete de terra de primeira classe.

Mas a ninguem fica mal o fazer diligencia pela vida, e muito especialmente se a vida poder ser boa e barata, por isso é de esperar que os nossos irmãos do norte se conformem com a proposta do sr. ministro da fazenda, e até, pensando melhor, a acceitem com prazer porque n'isso vae o seu bem cabido orgulho de ser a primeira terra do paiz.

João Verdades.

NECROLOGIA

No dia 8 de maio desapareceu do numero dos vivos o dr. Ferrer Farol, medico distincto que ha mais de vinte annos exercia clinica em Lisboa, onde era muito conhecido e estimado.

A chronica do OCCIDENTE do dia 11 de maio, referiu-se a Ferrer Farol, apreciando devidamente o medico e o escriptor, e por isso apenas acrescentaremos aqui algumas breves notas biographicas para acompanharem o retrato que aqui estampamos em homenagem ao distincto medico, que foi tambem um benemerito da humanidade a quem soccorreu, tanto com a sua sciencia como com a sua bolsa.

Era natural de Vizeu, onde viu a luz no anno de 1839.

Fez-se medico na Escola Medica do Porto, onde foi um dos mais distinctos estudantes, e depois entrou para o servico medico do exercito.

Assim veio para Lisboa por 1870 e por tal modo principiou a afirmar o seu talento clinico, que teve de pedir licença do servico militar para attender a numerosa clientela que adquiriu.

Por 1873 estabeleceu, com o sr. dr. Mattos Chaves, outro clinico distinctissimo, um posto medico na praça de D. Pedro, e desde então nunca mais se apartou do seu distincto collega e amigo fazendo da melhor clinica medica de Lisboa.

Por aquelles tempos Ferrer Farol entrou na imprensa com o seu periodico *A Tribuna*, de que foi director, e mostrou-se um escriptor vigoroso e ao mesmo tempo elegante, sendo lido com interesse, tanto pela elegancia do seu estylo como pelo vigor da sua pena, chegando *A Tribuna* a ser uma folha de combate que fez epoca.



DR. FERRER FAROL

FALLECIDO EM 8 DE MAIO DE 1893

Mas os cuidados medicos não se compadeciam com as luctas da pena e muito menos da politica, e Ferrer Farol achou mais sensato abandonar a escripta e dedicar-se todo ao tratamento dos seus numerosos doentes, sentindo se melhor assim.

Ferrer Farol tinha tanto de agradável, como de rude ás vezes, mas sob essa apparencia, ás vezes um tanto aspera, abrigava-se um coração de ouro, compadecido dos males alheios e não raras vezes, a par dos soccorros medicos que prestava, abria tambem a sua bolsa para soccorrer os doentes pobres que para elle valiam tanto como os ricos.

Alto, mas de má construcção, desde muitos annos que luctava com os defeitos do seu organismo, no entanto ia vivendo como a gallinha com a sua pevide, até que uma congestão pulmonar o atacou, quando elle visitava um doente.

Debalde se esforçaram os seus collegas e amigos por salvá-lo da morte tão permatura, a lucta durou ainda uns seis dias, mas por fim a morte venceu e hoje tem a medicina que contar a perda de um dos seus mais talentosos cultores.



FRANCISCO SIMÕES CARNEIRO

FALLECIDO EM 25 DE MAIO DE 1893

Foi um cidadão prestante, honrado e bom, que pelo trabalho se elevou na consideração dos seus compatriotas, merecendo-lhe o suffragio com que entrou na camara municipal e na dos deputados, sendo ainda por fim eleito par do reino.

Tendo nascido em Goes, de paes humildes, veio para Lisboa, com nove annos de idade, tentar fortuna.

Se a instrução que trazia era pouca, a vontade de trabalhar era muita, e de tal arte se houve, que ao fim de alguns annos, Simões Carneiro, era negociante abastado, repartindo com os infelizes boa parte dos seus haveres, que ninguem que lhe pedisse dinheiro ou protecção o fazia debalde.

A extrema bondade do seu character aliada á generosidade do seu coração, deram-lhe tanta popularidade como o grande negocio que tinha, em que empregava centenas de braços no fabrico do carvão.

Estava ali um homem de influencia que a politica não podia desprezar, e por isso principiam a apparecer os amigos politicos e entre estes Saraiva de Carvalho, foi o que mais prendeu o honrado industrial e negociante.

Francisco Simões Carneiro principiou então por

ser eleito vereador da camara municipal de Lisboa em duas eleições successivas e depois eleito deputado em 1879, por Evora, não chegando a tomar assento na camara, e no anno seguinte eleito por Lisboa.

Patriota e democrata, o alto cargo social a que chegara não lhe fez esquecer os seus principios, e em 1881, quando no parlamento se votou o tratado de commercio de Lourenço Marques, Simões Carneiro combateu e votou contra, apesar de estar no poder o governo progressista de que elle era partidario.

Foi de accordo com as suas ideas e acompanhou o voto do povo que se manifestava contrario aquelle tratado.

Ha annos, quando falliu a casa Moura Borges & C.^a, perdeu Simões Carneiro uma boa parte da sua fortuna que tinha confiado aquella casa bancaria. Não o surpreendeu a fallencia, pois elle já sabia das difficuldades em que aquella firma se via, mas nem por isso se apressou em retirar os seus capitães porque não queria precipitar-lhe a banca-rola.

Ainda aqui se avalia a generosidade do seu animo, e no entanto elle teve que redobrar de forças para vêr se restaurava com novo trabalho os haveres perdidos, isto já n'uma idade em que tinha direito a descansar.

Assim, dedicou-se novamente ao trabalho activo, pondo de parte todos os cargos da politica, incluindo o de par electivo, recolhendo-se á sua casa da Porcalhota e entregando-se á lavoura, com que contava restaurar a fortuna perdida.

Era já tarde. A idade e a doença não lhe permitiram levar ao fim o seu plano, e no dia 25 de maio morria de um shirro no estomago, depois de tres mezes de soffrimento.

Perdeu-se um cidadão prestante e bom, que teve a sua epoca de popularidade como poucos a tem merecido.



PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos :

Tratado Elementar de Cosmographia, por José Adelino Serrasqueiro, professor de mathematica no lyceu central de Coimbra. Editado pela Livraria Central, Largo da Sé Velha, 12 e 13, — 1893, preço 1200 rs. Este bello livro faz parte d'uma collecção a que o erudito autor deu o nome de *Curso de mathematica elementar*. Está redigido segundo o programma official dos Lyceus e é um trabalho digno de quem o escreveu que é um dos nossos mathematicos mais queridos dos studiosos.

A materia está dividida em cinco livros: o primeiro trata das *Estrellas* e divide-se em quatro capitulos, nos quaes se explanam mui clara e methodicamente os principaes movimentos, divisões e grandezas d'aquelles astros.

O segundo livro trata da terra e divide-se em trez capitulos em que se desenvolvem mui frisantemente os phenomenos e determinações exactas da forma da *Terra*. O terceiro livro trata do *Sol*, que se divide em cinco capitulos nos quaes, além dos movimentos e suas leis, se expõem noções muito complexas sobre as divisões do tempo, maneiras de medir o tempo medio e o verdadeiro, etc. O quarto livro trata da *Lua* e divide-se em quatro capitulos mostrando a constituição, as distancias, as orbitas, as revoluções e rotações da *Luz*, *Eclipse*, *Mares*, etc. O livro quinto que se divide em trez capitulos e versam sobre os *Planetas*, *Cometas*, *noções de astronomia sideral*.

Por esta rapida synthese se vê quanto é completo este tratado de cosmographia e de cuja auctoridade é prova evidente o brilhante estudo e saber do seu auctor. O exemplar que nos foi offerecido, tem uma dedicatória que muito nos honra.

Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa 11.^a serie n.^{os} 6, 7, 8. Imprensa Nacional 1892. Contém a continuação do relatório da expedição portugueza a M'Pesene (1889) feito pelo sr. Carlos Wiese. SS. G. L. O numero 6 traz junto a planta da bahia do Tarrafal, da ilha de S. Thiago de Cabo Verde levantada pelos officiaes da canhoneira *Rio Ave* em 1889.

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.